

FASTOS E AS METAMORFOSES: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL

Raquel FAUSTINO

Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP

Orientadora: Profa. Dra. Patricia Prata

RESUMO: Em todas as obras do poeta Ovídio podemos encontrar referências à mitologia greco-romana, essa presença é ainda mais forte na obra *Metamorfoses*, que reúne diversos episódios mitológicos sob um único tema: a mutação. Em seu poema-calendário, os *Fastos*, o poeta também recorre à mitologia para explicar a origem de algumas celebrações e costumes romanos da antiguidade clássica. Este artigo pretende apontar alguns aspectos da composição dessas duas obras que fazem com que uma aproximação entre ambas seja possível, principalmente no que diz respeito a alguns mitos que estão presentes tanto no livro I dos *Fastos* quanto nas *Metamorfoses*.
Palavras-Chave: Letras Clássicas, Ovídio, *Fastos*, *Metamorfoses*, Mitologia.

Introdução:

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa em Iniciação Científica que vem sendo desenvolvido desde março deste ano sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Patricia Prata. O projeto tem como objetivo uma tradução anotada do primeiro livro dos *Fastos* de Ovídio e a elaboração de um estudo introdutório à obra que compreenda uma comparação temática dos mitos desse livro que também aparecem nas *Metamorfoses*, obra do mesmo autor. Assim, este artigo consiste na apresentação das primeiras reflexões a cerca do assunto a ser tratado no estudo introdutório à tradução que ainda está sendo elaborado. Vale ressaltar que esse estudo, junto à tradução do livro I, será parte da monografia a ser apresentada para a conclusão do curso de graduação em letras, no final deste ano.

O presente artigo divide-se em duas partes: a primeira parte aborda as razões que nos levam a uma aproximação entre as duas obras; já a segunda parte consiste na apresentação dos episódios mitológicos do livro I dos *Fastos* que nos remetem às *Metamorfoses* e em uma breve descrição dos motivos que nos levam a propor um estudo introdutório comparando-os.

I. Uma aproximação possível

Ovídio (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.) começou a compor os *Fastos* e as *Metamorfoses* na mesma época, entre os anos 2 e 8 d.C., em Roma. Tais obras pertencem ao período de maior

maturidade do poeta, como é apontado por diversos estudiosos.¹ Essas obras, em contraste com os livros anteriores publicados pelo autor, como a *Arte de Amar* e os *Amores*, tratam de assuntos considerados mais elevados; o próprio poeta, nos *Tristes* (IV, 10, 547-548),² faz essa oposição entre suas obras ao chamar o conjunto de seus primeiros trabalhos de “leviano” (*remissum*) em oposição ao conteúdo mais sério dos *Fastos* e das *Metamorfoses*.

O assunto tratado em ambos os poemas, de acordo com Green (2004, p. 28), compreende os três elementos citados logo nos dois primeiros versos dos *Fastos*: o tempo (*tempora*), as causas (*causae*) e as estrelas (*signa*).³ Em relação ao tempo, os mitos das *Metamorfoses* começam na origem do universo e vão até o presente do poeta; enquanto que nos *Fastos*, por se estruturar em torno do calendário, a obra se inicia no mês de janeiro e termina no mês de junho. As obras também se propõem a explicar causas, seja de elementos do mundo natural ou das festividades e costumes romanos, sendo, portanto, em alguma medida, obras etiológicas. Outro ponto em comum seriam as referências à astronomia que se encontram nas duas obras: nos *Fastos* para indicar quando certas constelações estavam ou não visíveis no céu,⁴ e nas *Metamorfoses* para explicar a origem de algumas constelações a partir do catasterismo de personagens mitológicos.

Ainda segundo Green (op. cit., p. 29), todo o próêmio dos *Fastos* remete ao próêmio das *Metamorfoses*,⁵ e vice-versa; este pesquisador também chega a sugerir que os *Fastos* seriam uma continuação das *Metamorfoses*, dizendo ser possível interpretar a expressão *ad mea tempora* no verso 4 do próêmio como uma referência ao poema-calendário, ou seja, o poeta poderia estar dizendo “da origem do mundo até o ponto onde se iniciam meus *Fastos*”; também o fato de alguns temas do último livro das *Metamorfoses* aparecerem no primeiro livro dos *Fastos* corroboraria essa hipótese.⁶ No entanto, sendo ou não um livro a continuação do outro, sabe-se que alguns temas são recorrentes nas duas obras, o que torna possível uma série de relações entre o conteúdo de ambas.

¹ Podemos citar, por exemplo, Tarrant (2002), Grimal (1996), Hebert-Brown (1994) e Barchiesi (1997).

² *Ne tamen omne meum credas opus esse remissum,/ Saepe dedi nostrae grandia uela rati.* (Não creias, contudo, ser toda minha obra leviana,/ Amiúde dei a minha nau grandes velas.) [Tradução de Patrícia Prata, 2007].

³ *F.*, I, 1-2: *Tempora cum causis Latium digesta per annum/ Lapsaque sub terras ortaque signa canam.* (Cantarei com suas causas os tempos divididos pelo ano latino/ e as estrelas que nascem e se põem sob a terra.) [Minha tradução].

⁴ No entanto, Ramos (1988: 13), em sua introdução à tradução espanhola dos *Fastos*, destaca que os conhecimentos de Ovídio em relação à astronomia eram limitados e que, ao ousar escrever a respeito, muitas vezes se engana ao descrever o movimento dos astros no céu.

⁵ *Met.*, I, 1-4: *In nova fert animus mutatas dicere formas/ Corpora; di, coeptis, nam vos mutastis et illas,/ Adspirate meis primaque ab origine mundi/ Ad mea perpetuum deducite tempora carmen.* (Meu espírito me impele a falar sobre formas/ transformadas em novos corpos. Deuses, inspirai a minha/ empreitada (pois vós também as transformastes) e, da/ primeira origem do mundo até o meu tempo, levai meu poema ininterrupto.) [Tradução de Mariana Musa de Paula e Silva, 2008].

⁶ Como a menção a Esculápio (*F.*, I, 291-292; *Met.*, XV, 622-744) e a crítica aos sacrifícios (*F.*, I, 349-456; *Met.*, XV, 60-142).

O tempo de composição de ambas as obras é considerado por seus estudiosos como sendo entre os anos 2 e 8 d.C., sendo muito difícil precisar mais o período em que o poeta iniciou a elaboração desses poemas. Nessa época, em Roma, o poeta teria escrito as *Metamorfoses* e os seis primeiros livros dos *Fastos*. Dado o desterro do poeta em Tomos, no ano 8 d.C., acredita-se que ambos os trabalhos tenham sido interrompidos, embora as *Metamorfoses*, com seus 15 livros, tenham ficado mais acabadas que os *Fastos*, obra interrompida pela metade.⁷ Embora as palavras do próprio Ovídio (*Tr.*, 1, 7, 27-32)⁸ levem a crer que faltou uma última revisão nos livros das *Metamorfoses*, os 15 livros, tais como foram conservados, colocam em dúvida se, de fato, havia a necessidade de uma revisão por parte do poeta.⁹ Se as *Metamorfoses* deixam em dúvida se o desterro interrompeu ou não a composição do livro, no que diz respeito aos *Fastos*, foi também se baseando nas palavras do poeta (*Tr.*, 2, 549-552),¹⁰ que por muito tempo se acreditou que ele havia escrito todos os 12 livros que comporiam os *Fastos*; no entanto, atualmente é consenso entre seus estudiosos que o poeta escreveu somente os 6 livros que foram conservados até hoje.

De acordo com Green (2004, p. 15), é certo que os *Fastos* tiveram ao menos seu primeiro livro revisado em Tomos. Ainda em Roma, antes de seu desterro, o poeta teria escrito os 6 primeiros livros tendo em vista uma dedicação a Augusto, mas a dedicatória do primeiro livro, como consta nos manuscritos, é para Germânico.¹¹ Dessa forma, podemos supor que o poeta alterou sua dedicatória inicial, provavelmente tendo em vista obter o perdão da família imperial para poder regressar à Roma. Há outras evidências que sugerem essa revisão do livro I, como a menção à consagração do Templo à Concórdia, que teria ocorrido no ano 10 d.C., ou seja, após o exílio do poeta. Embora não seja certo se o segundo livro dos *Fastos* foi revisado, acredita-se que seus primeiros versos sejam a dedicatória a Augusto que originalmente estaria no livro I e que teria sido movida para o livro seguinte.¹² No que diz respeito aos demais livros que compõem a obra, faltam evidências para saber ao certo se chegaram a ser revisados.

A mistura de gêneros é uma característica destacada em todo o conjunto das obras

⁷ Vale lembrar que seriam necessários mais seis livros para honrar todos os meses do calendário sobre o qual o poema se estrutura.

⁸ *Nec tamen illa legi poterunt patienter ab ullo,/ Nesciet his summam si quis abesse manum;/ Ablatum mediis opus est incundibus illud./ Defuit et scriptis ultima lima meis/ Et veniam pro laude peto, laudatus abunde./ Non fastiditus si tibi, lector, ero.* (Todavia, eles não poderão ser lidos com tolerância por alguém./ Se este não souber que faltou a última demão./ Aquela obra foi furtada em meio à forja./ E a última lima faltou aos meus escritos./ Peço indulgência e não louvor, serei muitíssimo louvado/ Se não for por ti, ó leitor, desprezado.) [Tradução de Patrícia Prata, 2007].

⁹ Acreditamos que as palavras do poeta nos *Tristes* possam ser um argumento de falsa modéstia ou uma tentativa de convencer o leitor dos prejuízos de seu exílio à sua atividade poética; no entanto, não encontramos nenhum autor que corrobore essa hipótese.

¹⁰ *Sex ego fastorum scripsi totidemque libellos/ Cumque suo finem mense libellus habet/ Idque tuo nuper scriptum sub nomine, Caesar;/ Et tibi sacratum sors mea rupit opus.* (Seis mais seis livros dos *Fastos* escrevi./ E junto com o mês cada volume chega ao fim./ E a essa obra, escrita há pouco em teu nome, ó César./ E a ti consagrada, minha sorte interrompeu.) [Tradução de Patrícia Prata, 2007].

¹¹ Com a morte de Augusto, em 14 d.C., Tibério, seu filho por adoção, tornou-se imperador de Roma. Na época em que Ovídio teria revisado os *Fastos*, acreditava-se que Germânico, filho adotivo de Tibério, herdaria o império; no entanto, sua morte prematura fez com que o sucessor no governo de Roma fosse seu filho Calígula, que assumiu como imperador no ano 36 d.C., bem depois da morte de Ovídio, no ano 17 ou 18.

¹² Cf. Ramos (1988). A saber, os versos que suscitam esse argumento são *F.*, II, 1-18.

de Ovídio que, nas palavras de Conte (1994, p. 342),¹³ utilizava mais livremente as regras tradicionais da literatura romana, aludindo aos modelos clássicos, mas inovando em suas composições poéticas. Quando consideramos a extensão dos poemas e o assunto abordado, principalmente no que diz respeito à exaltação da cultura romana, as duas obras tendem ao estilo épico.¹⁴ Os versos em hexâmetro das *Metamorfoses* evidenciam ainda mais as semelhanças entre essa obra de Ovídio e a grande épica romana, a *Eneida* de Virgílio. De acordo com Conte (1994), as *Metamorfoses* seguem o modelo de um “collective poem”, a exemplo da *Teogonia* de Hesíodo. Assim, ao mesmo tempo que se filia à tradição alexandrina, Ovídio compõem uma obra no estilo épico, estilo esse que havia sido rejeitado pelos poetas alexandrinos.¹⁵

No entanto, os *Fastos* também não é uma obra fácil de ser classificada quanto ao gênero. Embora a métrica utilizada (os dísticos elegíacos) leva a crer que será tratado um conteúdo mais leviano (como o amor cantado no poema didático *Arte de Amar*, também de Ovídio), o poeta, assim como já havia feito Propércio,¹⁶ utiliza esse metro para discorrer sobre assuntos mais elevados, como a história de Roma e a sua mitologia. Segundo Barchiesi (1997, p. 52), pela primeira vez na poesia romana, o modelo alexandrino é utilizado tranquilamente para versar sobre um tema mais sério, como é a celebração da Urbe através de seus costumes e seus ritos oficiais. Dessa forma, embora o esperado para os *Fastos* fosse a utilização de versos em hexâmetro, o poeta escolhe os dísticos elegíacos, aproximando sua obra do estilo didático que também condiz com o conteúdo apresentado.

Tendo sido escritas pelo mesmo poeta, não é estranho que as fontes utilizadas para a composição de ambas as obras sejam muito parecidas; mas, entre os diversos autores antigos aos quais Ovídio faz referência, destacam-se os gregos Calímaco e Hesíodo e o poeta latino Virgílio. A obra *Aetia*, de Calímaco, é apontada por Conte (1994) como sendo a fonte de inspiração para os temas etiológicos presentes tanto nos *Fastos* quanto nas *Metamorfoses*, e também teria sido a inspiração para a escolha do dístico elegíaco para versar sobre um assunto mais sério como o calendário. Já a *Eneida* de Virgílio seria a inspiração do poeta para tratar das lendas a respeito da origem da Urbe nas duas obras; vale ressaltar que as *Metamorfoses* seguem os passos da *Eneida* também na escolha da métrica (o hexâmetro). Já em relação ao poeta Hesíodo, dois livros inspiraram mais fortemente essas obras de Ovídio: sua *Teogonia*, ainda segundo Conte, seria a inspiração para a composição das *Metamorfoses*; e outra obra sua, *O trabalho e os dias*, teria inspirado os *Fastos*.

Outra característica comum às duas obras é a aparente descontinuidade nos episódios narrados, pois em muitos momentos, tanto nos *Fastos* quanto nas *Metamorfoses*, a relação entre um episódio e o que o segue não é muito evidente, o que leva muitos estudiosos

¹³ Na introdução de sua tradução das *Metamorfoses* (OVIDIO. *Metamorphosis*. 9ª ed. Ediciones Cátedra, Madrid).

¹⁴ As *Metamorfoses* compreendem 15 livros, e os *Fastos*, quando concluídos, compreenderiam 12 livros.

¹⁵ Cf. Conte (1994: 350).

¹⁶ Propércio (49-47 a.C. a 16 d.C.), em suas *Elegias*, utilizou dísticos elegíacos tanto para versar sobre temas amorosos, presentes principalmente no livro I, quanto para celebrar mitos e rituais da cultura latina no livro IV.

dessas obras a procurar explicar essas relações, explicitando a unidade existente.¹⁷ Assim, sabemos que nas *Metamorfoses* o que une os episódios mitológicos aparentemente desconexos é o tema da mutação, e são estes episódios que constituem a obra, existindo entre eles uma ordem cronológica que pode ser notada mais claramente entre o início e o fim da obra. Também sabemos que, nos *Fastos*, os episódios mitológicos são citados na tentativa de elucidar a origem dos festivais do calendário romano praticados na época, sendo eles apenas um dos recursos utilizados pelo autor na busca por essa origem; e tais episódios, como explica Herbert-Brown (1994: 2), são ordenados de acordo com o calendário e não necessariamente de acordo com a vontade de Ovídio, então os mitos são evocados na medida em que os festivais que vão ser explicados pelo poeta vão aparecendo ao longo dos dias narrados. Assim, a descontinuidade entre os episódios mitológicos nessas obras é mesmo só aparente, mas é um dos aspectos que chama a atenção de diversos estudiosos no que diz respeito a sua estrutura narrativa.

Embora a mitologia apresentada nas obras do poeta seja em grande parte de origem grega, o poeta se esforçou para também contemplar mitos “romanos”,¹⁸ o que pode ser verificado nos últimos livros das *Metamorfoses* e em todos os livros dos *Fastos*. Assim, tais obras possuem destaque na literatura latina por terem também privilegiado as tradições locais, a exemplo de Virgílio, na *Eneida*. No livro I dos *Fastos*, por exemplo, o próprio poeta parece fazer questão de ressaltar o fato de não existir na cultura grega uma divindade parecida com o deus Jano, destacando o fato de tratar-se de um deus legitimamente romano.¹⁹

Por todas essas semelhanças e, principalmente, levando em conta que foram escritas na mesma época, seria difícil imaginar que o poeta não tivesse em mente as muitas referências cruzadas que, segundo Hinds (1987),²⁰ somos encorajados a fazer ao ler os dois poemas, não importando a ordem da leitura. E essas referências são ainda mais evidentes em alguns episódios mitológicos que se repetem no livro I dos *Fastos* e nas *Metamorfoses*, como pretendemos exemplificar na próxima parte deste artigo.

II. Entre os *Fastos* e as *Metamorfoses*

Como vimos, o assunto tratado nas duas obras é muito semelhante. E, ao longo do primeiro livro dos *Fastos*, há muitas passagens que nos remetem às *Metamorfoses*; Green (2004, p. 360) lista 79 passagens do livro I que para ele fazem essa referência. Algumas

¹⁷ No que diz respeito à estrutura das *Metamorfoses*, podemos citar, por exemplo, os estudos de Conte (1994: 351 *et. seq.*) e Álvarez e Iglesias (2009: 66 *et. seq.*); e, em relação aos *Fastos*, os escritos de Ramos (1988: 10 *et. seq.*) e Herbert-Brown (1994: 2).

¹⁸ Optamos por chamar esses mitos de “romanos” embora saibamos que a cultura romana tem como origem a cultura de variados povos que habitavam o Lácio, sobretudo dos etruscos. Contudo, com exceção dos elementos de origem grega, não conseguimos precisar com maior clareza que povo(s) teria(m) originado muitos dos elementos da cultura romana.

¹⁹ *F.*, I, 89-90: *quem tamen esse deum te dicam, Iane biformis?/ Nam tibi par nullum Graecia numen habet.* (Mas que deus eu direi que és, ó Jano biforme? /Pois a Grécia não possui nenhum deus igual a ti.) [Minha tradução].

²⁰ *apud* Green (2004: 16).

dessas passagens são muito breves e poderiam passar despercebidas à maioria dos leitores, como, por exemplo, quando Ovídio, nos *Fastos*, fala da “barba molhada” de Proteu (I, 375), uma referência à mesma descrição que aparece nas *Metamorfoses*, ainda que em relação a Tritão (I, 339). Assim, dentre as muitas referências existentes nessas obras, escolhemos algumas passagens extensas o bastante para nos permitir uma comparação temática, ressaltando as semelhanças ou as diferenças dessas passagens nas duas obras em questão. São elas:

a) Rômulo e Numa

O primeiro episódio que remete às *Metamorfoses* é a descrição que Ovídio faz de Rômulo ao atribuir a ele a criação do primeiro calendário. De acordo com Conte (1994, p. 357), esta é uma das passagens na qual a ironia do poeta aparece de forma clara, pois o poeta se dirige a Rômulo dizendo que ele entendia muito de guerra, mas que de estrelas não entendia tanto, referindo-se aos erros do antigo calendário romano (29-30);²¹ uma forma estranha de se dirigir ao primeiro rei da Urbe e seu lendário fundador. Já nas *Metamorfoses*, o tratamento dado a Rômulo (*Met.*, XIV, 772-832) é mais sério, o que se justifica talvez pelo fato de o poeta estar exaltando-o para, através dele, a partir da crença que a família Júlia descendia dos fundadores de Roma, exaltar o Imperador.

Ainda na descrição da origem do calendário, Ovídio cita a contribuição do segundo rei de Roma, Numa (*F.*, I, 43-44), que tem maior participação nas *Metamorfoses* (XV, 4-11, 479-496 e XV, 481-487), obra na qual é descrito como sendo muito sábio; tal descrição não entra em conflito com a imagem passada nos *Fastos*: a de um rei que não se esqueceu dos antepassados ou do deus Jano, honrando-os em dois meses acrescidos ao calendário. Assim, enquanto Numa é descrito da mesma forma nas duas obras, o Rômulo dos *Fastos* recebe um tratamento mais debochado que o Rômulo das *Metamorfoses*.

b) A Cosmogonia

Outras três passagens interessantes que remetem às *Metamorfoses* aparecem no diálogo que a *persona* poética tem com Jano (89-288). Ao longo desse diálogo, o deus Jano vai explicar ao poeta como ele é o Caos que originou o mundo (93-124); a cosmogonia também é tratada na *Metamorfoses* (I, 1-88), sendo que nesta obra Jano não chega a ser citado, embora o poeta não deixe de atribuir a origem do universo a um deus, sem nomeá-lo (*Met.*, I, 21).²²

²¹ *scilicet arma magis quam sidera, Romule, noras/ curaque finitimos uincere maior erat.* (De fato, tu entendias mais de armas que de estrelas, Rômulo, e tua maior preocupação era conquistar os povos vizinhos.) [Minha tradução].

²² Vale lembrar que, nas *Metamorfoses*, antes de começar a discorrer sobre a origem do mundo, Ovídio diz que os deuses são responsáveis pelas transformações que ocorrem na natureza, já deixando subentendido que a transformação do caos em universo partiu de uma entidade divina.

De acordo com Green (2004, p. 76), estava em voga na época do poeta duas correntes de pensamento a respeito da origem do universo: uma mitológica que, a exemplo de Hesíodo, na *Teogonia*, explicava a origem do mundo a partir da divindade Caos; e uma filosófica, que explicava a cosmogonia como resultado da separação dos elementos primários que compunham o universo. Ovídio mistura essas duas linhas de pensamento, tanto nos *Fastos* quanto nas *Metamorfoses*, conseguindo harmonizar duas teorias aparentemente incompatíveis. De acordo com Green, Ovídio não é o primeiro poeta a fazer isso, e Myers (1994) diz haver semelhanças entre a cosmogonia de Ovídio e os relatos sobre a origem do universo de Virgílio, nas *Éclogas* (6, 31-40), e de Apolônio, na *Argonautica* (1, 492-511).

c) A Idade de Ouro

Ainda durante o diálogo entre o poeta e o deus Jano, este é indagado a respeito da contribuição em dinheiro feita pelos romanos aos deuses; Jano argumenta que os deuses não são diferentes dos homens e que por isso a riqueza lhes agrada. Para explicar o motivo que levou os deuses, que antes se contentavam com singelas homenagens, a exigirem contribuições mais valiosas, Jano cita a mitológica Idade de Ouro, na qual a sociedade não padecia dos males da ambição (193-194). A Idade de Ouro novamente aparece na fala de Jano quando ele explica ao poeta o motivo que faz com que o barco seja um de seus símbolos (233-254), pois teria sido Jano quem recebeu Saturno quando este foi destronado por Júpiter no fim da Idade de Ouro, já que essa Idade se caracterizava pelo reinado de Saturno. Nas *Metamorfoses*, a Idade de Ouro também é descrita, mas aparece como uma continuação da cosmogonia, e o poeta cita assim as outras idades seguintes, descrevendo a degradação do mundo com o passar do tempo (I, 89-115). Também no último livro das *Metamorfoses* o poeta volta a falar da Idade de Ouro para descrever a época em que as aves ainda não eram sacrificadas aos deuses (XV, 96-103). É interessante notar que embora as características da Idade de Ouro sejam as mesmas nas duas obras, nos *Fastos* quem a descreve é Jano, que teria vivido naquela época, então teria mais autoridade para descrevê-la; e, como lembra Green (2004, p. 98 e 115), o deus bifforme acaba relatando essa Idade com pouca imparcialidade, pois, ao deixar de mencionar o motivo pelo qual Saturno havia sido obrigado a se refugiar no Lácio, Jano esconde as características ruins do deus destronado.²³

d) A guerra contra os sabinos

Quando questionado a respeito da origem de seu templo, Jano diz que se trata de uma oferenda em agradecimento a sua participação na guerra contra os sabinos (259-276). Tal guerra também é descrita nas *Metamorfoses* (XIV, 772-804), e a participação de Juno e Tarpéia é semelhante nas duas obras. A principal diferença fica por conta da participação de Jano: nos *Fastos* ele é o salvador da cidade, quem ferveu as águas para prejudicar os

²³ Saturno, identificado com Crono da mitologia grega, advertido por um oráculo de que seria destronado por um filho, passou a devorar toda a sua prole; no entanto, seu filho Júpiter, escondido ainda bebê pela mãe, quando adulto destronou Saturno e assumiu seu lugar (cf. Grimal, 1993, p. 475 e 546). De acordo com Green (2004, p. 115), Jano, tendo acolhido Saturno, deixa de mencionar o crime cometido por este para não prejudicar a descrição da Idade de Ouro.

sabinos; mas, nas *Metamorfoses*, são as Náiades que protegeram a cidade envenenando as águas do rio.

e) Os sacrifícios

Na busca pela etimologia do nome da celebração *Agonalia*, Ovídio diz que a ele parece mais verossímil que o nome tenha vindo de uma antiga palavra para designar os animais. O poeta então narra o costume de se fazer o sacrifício de uma ovelha nesta data e, a partir deste evento, passa a falar da origem dos sacrifícios de animais: o de uma porca a Ceres (349-354), o de um bode a Baco (355-360), o de um boi feito por Aristeu (353-380), o de uma ovelha aos deuses (381-382), o de uma cerva a Diana (387-390), o de um burro a Priapo (391-440) e o de aves (441-456). No entanto, o poeta não deixa de mostrar simpatia pelos animais (383-384) e questionar a necessidade desses sacrifícios (361-362), o que, segundo Green (2004, p. 164), demonstra que o poeta é contrário aos sacrifícios.

Nas *Metamorfoses* também há várias menções a sacrifícios, o poeta discorre a respeito desses principalmente no livro XV (103-142), mas em outras passagens trata também do sacrifício a Diana (XII, 24-38) e do sacrifício de Aristeu (XV, 361-367). Vale destacar que, nas *Metamorfoses*, o poeta não critica somente o sacrifício de animais aos deuses, e sim todo o costume de se matar animais (XV, 60-102). As semelhanças entre a crítica aos sacrifícios nas duas obras são muitas e reforçam o argumento de Green (2004) de que o poeta, a exemplo de outros intelectuais de sua época e também anteriores a Ovídio, como Pitágoras, Lucrécio e Virgílio, era contra matar animais; e o poeta não escondia sua posição nem em uma obra com caráter mais religioso, como é os *Fastos*, muito embora os rituais de sacrifício fossem práticas instituídas pela religião romana.

f) Priapo

Ao falar dos sacrifícios, Ovídio relata mais detalhadamente o episódio no qual explica a origem do sacrifício de um burrinho a Priapo (391-440);²⁴ dos 107 versos que o poeta dedica ao tema dos sacrifícios, 49 relatam esse episódio. Embora nas *Metamorfoses* esse episódio seja citado muito brevemente (IX, 342-348), há nessa obra uma passagem na qual Priapo é citado como um dos personagens que queriam possuir Pomona (XIV, 637-641). Assim, ambas as obras parecem se completar se quiséssemos obter uma descrição das atitudes do deus Priapo em relação aos objetos de seus amores.

g) Aristeu

Também ao versar sobre os sacrifícios, Ovídio dedica 27 versos à história de Aristeu e suas abelhas em uma passagem comovente, na qual o apicultor chora a morte de suas queridas abelhas e é consolado por sua mãe (*F.*, I, 353-380). É curioso notar que a história de Aristeu nas *Metamorfoses* é citada muito brevemente, e seu nome nem chega a ser mencionado (XV, 361-367).

²⁴ Um burro seria sacrificado a Priapo em razão do burrinho que teria alertado Lótis que, adormecida, não havia percebido os avanços do deus no desejo de possuí-la.

h) Hércules e Caco

Nos *Fastos*, o poeta narra uma das façanhas de Hércules: a vitória do herói sobre o monstro Caco para recuperar seus bois (*F.*, I, 543-578). O poeta narra essa história para explicar a origem do *Ara Maxima*, altar em honra a Hércules que teria sido instituído por Evandro a pedido do próprio herói. A participação de Hércules nos *Fastos* I parece pequena, ainda mais se comparada a sua enorme participação nas *Metamorfoses*, obra na qual grande parte do nono livro é dedicada a ele. É então curioso notar que, embora sua descrição nas *Metamorfoses* seja mais ampla (*Met.*, IX, 1-305), o único verso que menciona sua aventura com Caco é considerado espúrio.²⁵ Assim, os *Fastos*, ao relatar um episódio que não aparece nas *Metamorfoses*, complementa a descrição de Hércules feita nesta obra.

i) Ceres

A participação de Ceres nos *Fastos* não se dá somente quando Ovídio trata dos sacrifícios, ela também tem um papel muito importante no final do primeiro livro, quando o poeta descreve os cultos às duas deusas responsáveis pela agricultura, Ceres e Terra (671-696), e a relação entre Ceres e Paz para que a colheita seja proveitosa (697-704). Assim, a descrição de Ceres e a origem da agricultura descritas nas *Metamorfoses* (X, 341-678) podem ser comparadas com a descrição da deusa no poema-calendário.

IV. Conclusão

Levando em conta que as *Metamorfoses* trazem uma grande coleção de mitos da época, é natural que encontremos em seus livros muitos dos mitos presentes nos *Fastos*. No entanto, o que nos chama a atenção é que tais mitos são relatados às vezes de forma muito diferente e às vezes, muito semelhante; e é curioso notar que, quando citados de forma semelhante, parece que as versões se complementam, como é o caso de Aristeu que, se nas *Metamorfoses* nem chega a ser nomeado, nos *Fastos* tem sua história descrita em detalhes.

Considerando as muitas semelhanças entre os *Fastos* e as *Metamorfoses* e principalmente o fato de terem sido escritas na mesma época, seria difícil imaginar que o poeta não tivesse em mente as muitas referências cruzadas que podemos encontrar, e acreditamos que essas referências acabam fazendo com que a leitura de uma interfira de alguma forma na leitura da outra. Assim, é considerando a possibilidade de o poeta ter tido plena consciência dessas referências que estudar os *Fastos* à luz das *Metamorfoses*, e vice-versa, se faz interessante.

Nossa pesquisa ainda está em andamento e, como visto na introdução, este artigo consiste na apresentação das primeiras reflexões sobre o assunto; mas acreditamos que, desenvolvendo a comparação dos mitos aqui indicados, poderemos esboçar os motivos pelos quais ler um mito nos *Fastos* e depois lê-lo nas *Metamorfoses*, ou seja, em outro contexto, pode modificar a visão que o leitor tem deste mito nas duas obras.

V. Bibliografia

- BARCHIESI. (1997). *The poet and the prince – Ovid and Augustan Discourse*. University of California Press, Berkeley.
- CONTE, G. B. (1994). *Latin Literature - A History*. Translated by Joseph B. Solodow. Revised by Don Fowler and Glenn W. Most. The Johns Hopkins University Press, Baltimore and London.
- GREEN, S. J. (2004). *Ovid, Fasti I – a commentary*. Brill Academic Publishers, Netherlands.
- GRIMAL, P. (1993). *Diccionario de Mitología Griega y Romana*. Editorial Paidós, Barcelona.
_____.(1996). *El siglo de Augusto*. Traducción de Manuel Pereira. Fondo de Cultura Económica, Madrid.
- HERBERT-BROWN. (1994). *Ovid and the Fasti – an Historical Study*. Clarendon Press, Oxford.
- MEYERS, K. S. (1997). *Ovid's causes: cosmogony and aetiology in the Metamorphoses*. 4ª ed. The University of Michigan Press, Michigan.
- OVIDE. (1992). *Les Fastes – livres I-III*. Texte établi, traduit et commenté par Robert Schilling. Volume I. Edição Bilingue. Les Belles Lettres, Paris.
_____.(1955). *Les metamorphoses – Ovide*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Edição bilingue. Les Belles Lettres, Paris.
- OVIDIO. (2009). *Metamorfosis*. Edición y traducción de Consuelo Álvarez y Rosa Mª. Iglesias. 9ª ed. Ediciones Cátedra, Madrid.
_____.(1988). *Fastos*. Introducción, traducción y notas por Bartolomé Segura Ramos. Editorial Gredos, Madrid.
- PRATA, P. (2007). *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos Virgilianos*. Tese de doutorado. IEL/ Unicamp, Campinas.
- SILVA, M. M. de P. (2008). *Artesque locunque: espaços da narrativa no livro V das Metamorfoses de Ovídio*. Dissertação de mestrado. IEL/Unicamp, Campinas.
- TARRANT, R. (2002). *Ovid and ancient literary history*. In: *The Cambridge companion to Ovid*. Cambridge University Press, Cambridge.